



Drag Queens: Da arte à revolução

Drag Queens: From art to revolution

Priscila Libório

Faculdade de Estudos Administrativos – FEAD MG

Resumo

Este trabalho foi feito com base na observação dos hábitos de algumas Drag Queens e pessoas inseridas nesta cultura, da cidade de Belo Horizonte no ano de 2015, e visa esclarecer e informar sobre o que realmente são e o que fazem estes artistas, dando foco em especial ao teor político que eles carregam dentro desta cultura. Suas performances carregam por trás de seus personagens, uma intenção muito maior do que simplesmente mostrar sua arte, a algo revolucionário que visa combater preconceitos, rompendo dogmas e imposições sociais, e tal revolução vem ganhando seu espaço e visibilidade no mundo inteiro.

Palavras-chave: Drag Queens; Arte; Liberdade; Revolução; Cultura Drag.

Introdução

Não é possível se dizer uma data ou ano exato em que surgiram as primeiras Drag Queens, mas podemos pegar referências históricas no teatro Kabuki, que é um estilo de arte teatral japonês, conhecida por interpretações carregadas de drama e de personagens exageradamente maquiados, e também nas peças teatrais Europeias dos Séculos XVI-XVII, em ambos os estilos teatrais, eram homens que desempenhavam o papel feminino nas apresentações, pois mulheres não podiam subir aos palcos. Escolhidos sempre por suas habilidades artísticas, os homens que desempenhavam os papéis femininos deixavam os vestidos e maquiagens nos palcos, pois viviam uma vida como homens em seu cotidiano. Esses acontecimentos históricos têm características semelhantes ao trabalho das Drag Queens da era moderna e contemporânea, que surgiram por volta dos anos 50-60, embora estas tenham realmente se tornado mais populares, depois dos anos

80, época em que a cultura pop virou uma febre e coincidentemente, época em que a cultura gay começou a se desenvolver com mais força e expressão. As diferenças notáveis são apenas a escolha do humor no lugar do drama ou do romance, que era algo característico das peças de teatro do século XVI e XVII, e a ideia do exagero da caricatura feminina para representar seus personagens que são carregados de significado.

Metodologia

As Drag Queens tem se tornado cada vez mais populares no cenário pop mundial, e vem ganhando seu espaço também fora do mundo gay, afinal, embora a grande popularidade do trabalho das Drag esteja dentro da cultura LGBT, não é algo exclusivo desta cultura. Infelizmente, a generalização pode nos fazer acreditar que Drag Queens tem ligação com sexualidade, e é necessário que possamos compreender e entender que as duas coisas não tem nenhuma ligação. Ser Drag Queen, não tem nada haver com orientação sexual e muito menos se restringe a um ato exclusivamente masculino, tendo consciência disso, é mais simples de se compreender a real intenção desta arte. Podemos começar, esclarecendo a diferença entre Drag Queens e Travestis, usarei o termo “se montar”, para o ato de se transformar em seu personagem, deixando claro então que “se montar” não quer especificamente dizer “vestir-se de mulher”, é algo bem mais amplo. Travestis, são homens que se vestem de mulher em tempo integral, se sentem femininos, agem como mulher, porém, mantém o órgão genital masculino. Já as Drag Queens, podem ser homens ou mulheres, sendo as mulheres chamadas de Feux Queens, e ambos só se montam em ocasiões específicas. Drags não passam o dia vestidos como mulher, pois não se sentem como uma mulher, na verdade uma Drag sequer necessita se parecer com uma mulher, já que existem Drags que optam por personagens mais cômicos ou andróginos no lugar de personagens com características exatamente femininas, alguns usam barbas e podem até mesmo ser carecas. Independente do estilo do personagem criado, tudo não passa de uma representação artística.

Drag Queen é um personagem. Quando voltar pra casa, eu vou lavar meu rosto e tudo aquilo vai sair, e eu vou voltar a ser eu mesmo. Eu não me sinto como uma mulher e nem quero ser uma. [...] É como se fosse um palhaço que se maquia pra uma apresentação, ele não vive o palhaço 24hrs. (Amy Lanvin, 2015)

Explicar a diferença entre os dois grupos pode vir a ser algo complicado, já que os padrões sociais não aceitam vestimentas fora dos costumes tradicionais definidos para homem e mulher, e sendo assim é mais fácil simplesmente associar qualquer homem vestido de mulher ao travesti e também à falta de masculinidade. Tendo sido definida a diferença entre estes dois grupos, podemos seguir ao conceito real da cultura Drag: A Arte. O trabalho de Drag é uma manifestação de arte que visa desconstruir as regras. Ser Drag Queen é uma forma de expressão artística, que defende a ideia de que cada um pode ser o que quiser.

Ser Drag é totalmente um ato político, porque desconstruímos todo um conceito que nos é imposto. Desconstruímos uma imagem social do que é feminino e masculino, ultrapassamos essa linha. Toda vez que me monto eu desconstruo isso, toda vez que saio de casa montada eu estou dando um grito de liberdade e posse do meu próprio corpo. (Samantha Banks, 2015).

A cultura Drag visa romper dogmas sociais a qual somos submetidos desde a tão tenra idade, para que assim possamos ser livres para fazer nossas escolhas com liberdade, sem preconceitos e imposições. É uma luta não apenas para as minorias, mas, também pela liberdade de toda a sociedade. Drags não lutam só pelo direito de ser e se vestir como quiser, como também vão contra o padrão de sociedade patriarcal que diminui a mulher e sobrecarrega o homem. Lutam pelo fim dos padrões exagerados de beleza. Lutam contra o racismo. Contra o sexismo. Contra o abuso. Cabe perfeitamente citar aqui, o exemplo de performance da Drag Queen mineira Bettie, que elaborou uma performance que critica o preconceito. Usando uma versão da música “I Know Where I've Been” da cantora e atriz Queen Latifah, cujo a letra fala sobre preconceito racial e ao final de sua dublagem da canção, várias pessoas aparecem com cartazes pedindo o fim de todos os tipos de preconceito e por fim, ela fora envolvida em uma bandeira com as cores do arco Iris, representado os LGBT. Quando questionada sobre sua apresentação ela disse:

Esse ano aconteceu tanta coisa, tanta violência, tanto sangue nas ruas, que eu pensei em deixar de lado as divas pop, o paetê, o bate cabelo habitual de minhas performances, pra levar uma mensagem de esperança, de um futuro melhor para a comunidade LGBT. Não só para essa comunidade, mas também a comunidade negra, às mulheres inferiorizadas que apanham de seus companheiros ou que já sofreram algum tipo de abuso, as pessoas acima do peso, etc. No filme “Hairspray” essa música é usada contra o preconceito racial que a personagem estava sofrendo. Em Glee, que é a versão que eu usei, esta canção foi usada para abordar a questão trans. Então porque não

levar essa mensagem a um campo maior através da minha arte?
(Bettie, 2015)



Bettie

Este exemplo deixa claro, o misto de arte e revolução que carregam estes artistas, sua arte vai muito além e luta pelo sonho de um mundo livre e melhor para todos. Não podemos deixar de esclarecer ainda, a luta artística que as Feux Queens têm dentro desta cultura, afinal pode parecer simples para uma mulher se montar, mas, a carga política de sua montagem e performance tem tanto apelo quantos os homens que se montam. Quando uma Feux Queen se monta, ela mostra que merece respeito independente de como esta vestida. A cultura social do patriarcado infelizmente objetifica a mulher, e a julga por suas roupas, maquiagens, etc. e a classifica entre mulher digna ou vulgar de acordo com seu modo de vestir e agir, além de usar isso para justificar vários tipos de abuso, chegando até mesmo a dizer que “ela estava pedindo para ser abusada”. Quando uma Feux Queen se monta, usa uma maquiagem muito forte, uma roupa fora dos padrões, ela diz que aquela é a sua maneira de se sentir bela, que ela se sente bem, que aquela é sua arte e que uma mulher que se veste da maneira que a faz sentir bem, não está pedindo nada além de respeito.

Mais uma vez, o desejo de liberdade se expõe através da arte desta cultura admirável e num misto de arte e revolução, as Drags vêm ganhando popularidade em dimensões gigantescas, quebrando preconceitos e ganhando seu espaço.

Resultados e discussão:

É notável a diversidade dentro desta cultura, já que existem Queens de todos os tipos e estilos e talvez esta diversidade seja um dos fatores mais influentes na popularidade que as Drag Queens têm ganhado nos últimos anos. A quantidade de pessoas que passaram a apreciar esta arte e a fazer parte dela se tornou gigantesco, conseqüentemente às festas e baladas com performances de Drags também aumentou, para satisfazer o público que se tornou ávido por estes artistas.

Acredito que esta popularidade se deve ao sucesso internacional do programa norte americano “Ru Paul Drag Race”, que já alcança sua 8ª temporada, e se tornou um fenômeno mundial. O programa leva o nome da apresentadora Ru Paul, e apresenta uma competição entre 12 Queens que devem mostrar seu potencial artístico, musical, cultural, etc. Elas competem entre si criando figurinos, desfilando com suas criações, mostrando suas habilidades na dublagem, etc. A Drag vencedora além de ganhar contratos publicitários para campanhas de grifes e linhas cosméticas, recebe o valor de \$100 mil dólares! Além de é claro, a popularidade e a fama. Este programa tem influenciado e dado o impulso que faltava para muitas Drags, mundo à fora que já tinham desejo de se montar, porém, não tinham coragem. Muitas Drag Queens se tornaram mundialmente famosas graças ao programa e são amadas como atores de Hollywood. Aqui no Brasil, os ingressos esgotam em instantes. E as casas noturnas que recebem esses shows ficam absurdamente lotadas.



Jujubee ex-participante do Reality, em show no Brasil Fonte: (RODRIGUES, 2015).

Toda essa popularidade abriu espaço para que esta cultura se expandisse e as Drags ganhassem seu espaço no mundo artístico, embora para muitas pessoas ainda existam dúvidas com relação à diferença entre Drags e Travestis, e que muitos ainda acreditem que Drags só mantém relações homoafetivas, é necessário se observar que até mesmo para estes que pouco conhecem da cultura, as Drags tem se tornando um ótimo entretenimento e tem despertado o interesse de todos os tipos de público na sociedade, participando de apresentações em despedidas de solteiro, festas de 15 anos e até mesmo festas infantis, além é claro, das baladas. Posso exemplificar esta popularidade e expansão da cultura Drag com o fato de que agora as Drags que cantam também podem concorrer ao Grammy Awards. Apesar da abrangência que a premiação possui apenas selos reconhecidos pela “Academy of Recording Arts & Sciences” dos Estados Unidos, podiam enviar materiais para uma pré-seleção do Grammy. Ou seja, um single ou álbum precisa ser lançado por alguma gravadora reconhecida pela organização para ter a oportunidade de disputar alguma categoria. A gravadora “Sidecar Records” conhecida por gravar CDs de várias Queens, agora faz parte das gravadoras reconhecidas pela Academia do Grammy e elas agora comemoram o fato de poderem se incluir na disputa pelo Gramofone de ouro. Esta popularidade significa que de certa maneira, a sociedade tem aceitado a diversidade, ou pelo menos tentando compreendê-la para aceitá-la, e desta forma pode se dizer que o objetivo político desta arte, pode estar sendo alcançado pouco a pouco, embora eu ainda tema que muitos apreciadores ainda não tenham realmente entendido a intenção da cultura Drag Queen.

Considerações finais

Após aproximadamente seis meses de pesquisa, convivendo e observando alguns grupos de Drag Queens, acompanhando suas rotinas como Drags e como cidadãos comuns, pude notar que de fato a personagem Drag não vive a vida cotidiana de seu criador. A rotina de trabalho, de estudos, de passeios, não envolvia de nenhuma forma a montagem, a Drag fica nos palcos, nas festas e nas conversas entre amigos, já a vida real é vivida em tempo integral, com cobranças e responsabilidades como qualquer um de nós possui. Isso deixa nítido que o interesse é realmente um artístico revolucionário. Quando se decide ser uma Drag, você cria um personagem, um personagem livre que



pode seguir o estilo que quiser, com a personalidade que quiser, é uma interpretação que alegre e diverte.

Ainda acredito que seja interessante pontuar, que a diversidade neste meio, fortalece a intenção política da cultura Drag Queen, que prega que você pode ser o que quiser, lutando pela liberdade. A quantidade de estilos de Drags é infinita, desde Drags com barba, femininas, andróginas, carecas, elegantes, sensuais, cômicas, gordas, magras, negras, asiáticas, homens, mulheres, gays e hetero. Você não precisa necessariamente ser uma Drag feminina e elegante, você cria a personagem que quiser, independente de quem você é.



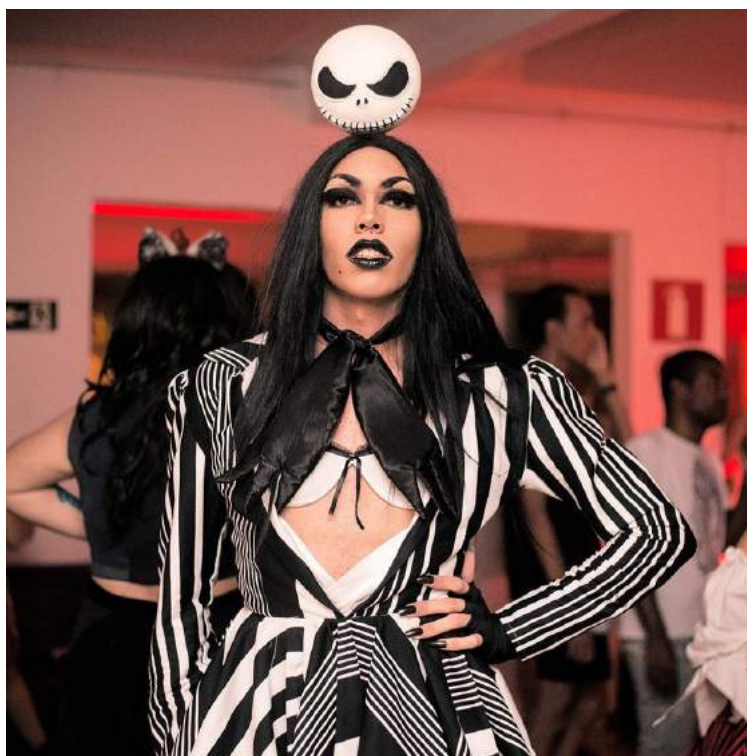
Amy Lanvin

Isso é um ponto interessante, pois não contradiz a ideologia de liberdade que a cultura prega e acredito que isso seja algo que a fortaleça ainda mais. De fato, ainda há muito a se observar, pois a expansão da cultura Drag, pode sim modificá-la com o passar dos anos, porém, até o momento a busca pela liberdade tem alcançado seu objetivo, uma vez

que vêm atingindo e conquistando todos os tipos de público e quebrando o maior dos desafios: os preconceitos.



Najla Sanderson



Bettie

Referências

Closet Online, **Você Sabe o que é uma Drag Queens? Entenda como elas Surgiram e qual sua importância cultural.** Disponível em: <<http://closetonline.com.br/voce-sabe-o-que-e-uma-drag-queen-entenda-como-elas-surgiram-e-sua-importancia-cultural>> acessado em 28/02/2016 às 23h20min

Tribos Urbanas, **Drag Queens.** Disponível em: <<http://tribosurbanas-tribosurbanas.blogspot.com.br/2010/09/drag-queens.html>> acessado em 28/02/2016 às 23h20min

O Globo, **Nova geração de drag queens toma conta da noite carioca.** Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/nova-geracao-de-drag-queens-toma-conta-da-noite-carioca-18044858?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar> acessado em 28/02/2016 às 23h20min

Samantha Banks, **Pagina Oficial.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/sambankssambanks?fref=ts>> acessado em 28/02/2016 às 23h20min

LANVIN, A. Drag Queens: Da arte à revolução: depoimento [17 de outubro, 2015] Belo Horizonte. Entrevista concedida a Priscila Libório

RANCIC, S. Drag Queens: Da arte à revolução: depoimento [17 de outubro, 2015] Belo Horizonte. Entrevista concedida a Priscila Libório

BETTIE. Drag Queens: Da arte à revolução: depoimento [2 de novembro, 2015] Belo Horizonte. Entrevista concedida a Priscila Libório

CHRISDENSON, D. Drag Queens: Da arte à revolução: depoimento [2 de novembro, 2015] Belo Horizonte. Entrevista concedida a Priscila Libório

Original Tune, **Nossas Drag Queens Favoritas agora poderão ser indicadas ao Grammy.** Disponível em: <<http://original-tune.com/2015/11/nossas-drag-queens-favoritas-agora-poderao-ser-indicadas-ao-grammy/>> acessado em 28/02/2016 às 23h20min

RODRIGUES, A. **@bsurda com Jujubee 06.03 - Roxy Club.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/festaabsurda/photos/a.969430419736278.1073741901.116565341689461/969450763067577/?type=3&theater>> acessado em 28/02/2016 às 23h20min